

Aos meu avós. Obrigado por tudo.

PANSPERMIA

RUFINO

SUMÁRIO

PESCADORA DE TUBARÕES / 4

HARD ROCK CAFÉ / 8

LEITOR DE REVISTAS VELHAS / 13

CAMPOS DO JORDÃO / 17

PERDI MINHA VIRGINDADE COM UMA PROSTITUTA / 20

PIZZA / 24

ACHO QUE TODOS VOCÊS JÁ TIVERAM UM COLEGA DESSES / 28

UMA VISITA INESPERADA / 30

HOJE VOCÊ VAI MATAR UMA PESSOA / 36

ENCONTREI UM NATIVO! / 44

DOIS GÊNIOS / 48

CENAS DE UM SER HUMANO QUALQUER / 51

MOSTARDA / 54

TENTEI FODER UMA BRUXA / 56

**OUTRO CONTO DE MERDA DIGITADO NO BLOCO DE NOTAS
SENDO INTERROMPIDO PELO LUCIANO HUCK GRAÇAS A MALDITA**

**PUBLICIDADE NO YOUTUBE, COM DIÁLOGOS ESTRANHOS E MAL
FORMULADOS TAMBÉM, E DUAS HEINEKENS COMPRADAS NA
MOITA PRA MINHA VÓ NÃO PERCEBER / 63**

SUICÍDIO NA BIBLIOTECA / 66

SANGUE NO ÔNIBUS / 71

BRINCANDO DE ESCREVER / 74

ABSOLUTAMENTE NADA / 78

O TEÓLOGO / 80

UMA CIGANA EM MINHA VIDA / 84

MEMÓRIAS DE UM ZUMBI APAIXONADO / 89

ANDANDO NO LIMO / 95

A NOITE EM QUE EU NÃO DORMI / 98

O DIABO É AMIGO DO MEU VIZINHO / 99

ACHO QUE MATEI UM CARA LA NO MÉIER / 105

HUMANOS ILUSTRES / 109

ISABELA / 112

VIDRO BLINDADO / 113

PESCADORA DE TUBARÕES

Renata sentava ao meu lado nas aulas de biologia. Eu sentava lá no fundo e jamais fazia coisa alguma, mas. Por algum motivo ela sempre sentava lá, ao meu lado. Bonita a garota. Ninguém falava com ela, assim como comigo também. Acho que isso nos criou algum tipo de identificação espiritual, vai saber...

- Pesquei um daqueles!

Ela sempre vinha com esse papo, sempre.

- Vai me dar um desses, Renata?

- Tubarão?

- Hum hum.

- Nunca. Eu vendo eles.

- Eu pago.

- Hahahaha, você pagar? Custam muito caro, esquece.

No dia seguinte sugeriram a prova de inglês em dupla. A professora aceitou. A garota quis fazer comigo. Talvez eu parecesse saber inglês. Sei lá.

- Pesquei outro daqueles!

- Vai me dar ou não vai?

- Um tubarão, Cris?

- Na verdade, pensei em outra coisa...

- Safado!

- Não, sério, eu quero um tubarão.

- Onde tu vai guardar?

- O tubarão?

- Não. Bombas nucleares.

- Num quintal, talvez. Me da um tubarão, eu quero um tubarão.

- Vou pensar no seu caso.

Enquanto simplesmente copiava minha prova, sugeriu uma aposta. Valendo um tubarão grande, feroz, faminto, com cara e com jeito de tubarão. Corrida. Propôs-me uma corrida de bicicletas. Do nosso colégio até a estação Santana, isso. Daria aproximadamente uns quinhentos metros. Aceitei mesmo sabendo que a chance de derrota era praticamente certa. Ela praticava esportes e fazia academia. Eu tocava punheta e fazia levantamento de garfo... Trouxe então, minha velha bicicleta e esperei ela por um tempo, logo apareceu.

- Preparado?

- Acho que sim.

Ficou pensativa por um momento, olhou pra mim retrucando.

- Quer mesmo um tubarão?

- Sim. Eu quero a porra de um tubarão!

- O esperma dele?

- Não se faça de idiota.

- Hahahahaha. Vamos.

Logo na primeira pedalada percebi que não daria certo. Ela corria feito louca, fodendo o trânsito, esbarrando nos carros e pedestres. Quase matou uma velha. Eu não precisava de um tubarão, mas. Continuei a pedalar. Talvez eu fosse retardado, era. Bem provável... Acordei de repente num almoxarifado de supermercado. Não sei o que houve. Olhei ao redor, alguns anjos e demônios trabalhavam no local. Funcionários, talvez. Um deles falou comigo.

- Qual a sua seção?

- Minha seção?

- Isso.

- Não sei, amigo.

- Seu anjo fodido!
- O que você quer dizer com isso?
- Seu anjo fodido! Suma daqui!

Ele tinha um tridente, saí correndo. Esbarrei em alguém enquanto descia as escadas, uma garota.

- Ei! Olha por onde anda, porra!

Reconheci aquela voz. Sim, reconheci aquela voz. Poderia reconhecer aquela voz até mesmo debaixo d'água.

- Renata?
- Cris?
- Cadê meu tubarão!?
- Você perdeu, idiota.
- Como sabe?
- Quando cheguei na estação você já estava morto.
- Verdade, eu estava bem cansado.
- Não, imbecil. MORTINHO DA SILVA, MORTO, SEM VIDA.

Levei um susto. Silêncio. Logo prossegui.

- Parecia uma gosma fodida, Cris. Quando voltei pra retirar seu corpo debaixo daquele ônibus, alguma coisa aconteceu. De repente acordei aqui.
- Bom, você deve estar morta, assim como eu também.

Perambulamos um pouco pelo local. Várias escadas. Infinitas escadas que não levavam a lugar algum. Isso me fez lembrar da vida. Quer dizer, da minha outra vida. Se é que aquilo pudesse ser considerado vida.

- Cris, senta aqui, tô cansada.

Sentei. Conversamos um pouco. Estranhamente não estávamos nem com sede nem com fome, apenas. Cansados, mas. Era um tipo estranho de cansaço, um outro tipo de cansaço irreconhecível e nunca antes sentido por nós. Não sei explicar ao certo. Só sei que era bom estar ali, com ela. Por um momento aquilo me pareceu melhor do que a vida e a morte juntas. Estar ali com ela, conversando. Estávamos

num outro mundo, mas os sentimentos eram os mesmos de sempre. Aproximei-me dela, beijando-a.

Não tinha ninguém pra nos perturbar. Nenhum filho da puta, nenhuma regra, nenhuma moral e ética, ninguém na cozinha fazendo um barulho tão inútil e desgraçado que nem da pra pensar, nenhum tubarão. NADA. Apenas as escadas, vácuo, eu e ela. A morte não era assim tão ruim. Se eu soubesse que teria de acordar cedo, estudar, trabalhar e aguentar gente chata, eu teria dado meu lugar a outro espermatozoide.

- Como você pescava os tubarões?
- Era mentira, Cris.
- Mentira? Porra, eu sempre acreditei.
- Sério?
- Morremos por uma mentira, Renata.
- A vida é uma mentira, Cris.
- Renata, quer se casar comigo?
- Não é má ideia...

Tentei lembrar onde o sujeito do tridente estava, por sorte. Encontrei. Ele estava separando itens de perfumaria e alterando as datas de validade dos produtos vencidos. Expliquei ao cara como fluía um casamento aos moldes terráqueos. Não foi fácil convence-lo. Mas ele aceitou. Era um cara bacana.

Estávamos pelados, o sujeito do tridente, eu e ela. Por algum motivo nosso senso de nudez simplesmente não existia.

- Renata, você aceita Cristiano como seu marido?
- Sim, cara do tridente, aceito.
- Cristiano, você aceita Renata como sua esposa?
- Aceito.

Fodi ela na frente do cara do tridente mesmo. Ele pareceu gostar. Por fim, agradecemos a esse demônio pela ilustre colaboração e voltamos as escadarias. Sentamos, conversamos e nos beijamos. Um tubarão... Quantas pessoas

morrem por um tubarão? Por uma mentira? Ela se ajeitou em meus braços e voamos direto pro céu.

HARD ROCK CAFÉ

Comecei a enriquecer vendendo drogas em baladas. Cocaína, LSD, maconha, ópio. Tudo o que sua ilustre mente possa imaginar, mas. Eu não era profissional, aliás. Estava longe de ser. Tudo começou quando perdi meu emprego de consultor imobiliário. Sempre fui um péssimo vendedor, então. Tinha esse cara. Estudei com esse cara durante um ano. Fizemos supletivo juntos. Repeti o supletivo, sim. Consegui repetir em supletivo. Ele passou, e eu me matriculei NUM SUPLETIVO a distância. Jesus. Ele era meu fornecedor, virou fornecedor de drogas após concluir o ensino médio e fracassar trabalhando numa empresa obsoleta. Pois bem. Como estava dizendo, eu não era um profissional mas conseguia desenrolar uma grana esperta. Vender drogas é fácil, os clientes vem até você. Só precisa abordar o primeiro vagabundo, e dizer, "Escuta. Afim de drogas? Eu vendo drogas." Guardava as drogas na mochila. Burro. Qual espécie de idiota guardaria drogas na mochila? Mas eu guardava... Senti que aquilo me levaria a um caminho meio sinistro, resolvi então. Parar. Simplesmente acabei com as vendas e até hoje meus antigos clientes me procuram. Durante esse período, conheci duas garotas bem formosas e simpáticas. Elas eram minhas

freguesas. Compravam muita maconha, muita maconha mesmo. Nunca vi ninguém que curtisse tanto um baseado.

- Oi Cris!

- Olá garotas. Erva da boa, só pegar.

Elas enchiam as mãos, erva nas mãos, logo passavam pro nariz pra analisar a qualidade. Ficavam com uns pedaços de maconha em cada bolota do nariz. Era engraçado.

- Cris, tua erva é a melhor, cara.

- Eu sei.

- Escuta, quer passar a noite conosco?

- Ótima ideia meninas, mas...

- Mas o quê? Tu é gay?

- Claro que não.

- Porra. Deixa de frescura, a casa é sua!

Notei que o apartamento era bem decorado, parecia um estúdio.

- O que vocês fazem aqui? - perguntei.

A mais gata olhou pra mim, retrucou.

- Apresentamos um talk show.

- Talk show?

- É. Somos apresentadoras. - disse a menos gata.

Com o passar do tempo descobri que aquilo era apenas um hobby. Elas batalhavam mesmo era pra virarem modelos famosas, mas. Esse sonho ainda estava bem distante, então. Limitavam-se a passar o tempo entrevistando alguns mongoloides metidos a intelectuais. Colocavam os vídeos no youtube. Virei amigo delas, as vezes. Mas do que amigo... Convidaram-me um dia, para uma festa de aniversário. Um local bem chique a agradável, com uma estranha exceção. Cheiro de merda. O banheiro masculino cheirava a merda. Encontrei esse faxineiro meio abismado com aquilo.

- Será que esse cheiro vem do banheiro? - perguntou-me.

- Sim. Esse cheiro vem do banheiro.

Olhou pra mim, olhou pro banheiro. Ficou pensativo. Teria de limpar toda aquela merda. Mas não era a minha merda. Era outra merda. Foda-se. Já lhe aborreci demais falando merda. As garotas estavam lindas e belas, como sempre. Seus olhos estavam ligeiramente vermelhos. Experimentaram um pouco do bagulho antes de saírem, eu acho.

- Sabe aquela ali? - disse a mais bonita enquanto me apontava uma velha sentada de vestido cinza.

- Que tem ela?

- Ela é minha mãe. Ela grava vídeos de sacanagem.

- Sem chance.

- Sério. Ela dá em cima de uns caras. Chama eles pro apartamento dela na Barra, Grava os vídeos e coloca no xvideos.

- Maneiro.

Dei uma circulada. Não gosto de festas. Isso me irrita. Ficar parado num só local fazendo cara de paisagem e fingindo ser educado, na verdade. Eu sou educado, só não sou simpático. Há! Resolvi ficar perto do bar. A mãe da garota ficava trocando olhares comigo, quer dizer. Ela me olhava, eu não retribuía. Me dava náuseas. Nesse meio tempo ela se levanta, vindo em minha direção. Pegou uma cerveja e ficou ali, parada, me olhando. Deus do céu. Essas coisas nunca acontecem com alguém feio. Ser lindo, gostoso e inteligente realmente é uma droga, enfim. Ficou dando em cima de mim durante um bom tempo. Depois do parabéns me ofereceu bolo também, bastante bolo. Gostoso o bolo...

Fazia tempo que não via meus pais e irmãos, alias. Anos e anos. Minha família tem um negocio próprio que é herdado de geração em geração. De pai pra filho. Meu pai sempre dizia que eu era um burro, covarde, burro, covarde, burro e covarde. Isso me desanimava, acabei então não servindo pra nada, assim como hoje também. Aquilo me tirava o humor,